



Quais são os ingredientes da pesquisa sociológica? O pesquisador que é a pesquisa, a pesquisa que é o pesquisador

João Gabriel Selles Pelegrini¹

Resumo: Neste ensaio, a partir da ideia movediça de que as relações sociais podem ser o que elas não são e seu ser se definir a partir dessa relação, apresentamos os (in)cômodos próprios da pesquisa sociológica e do trabalho do(a) pesquisador(a) em seu *universo paralelo*, não apenas em tempos pandêmicos. Trabalho social que não tem como meta a fantasia, mas objetiva produzir conhecimento sobre nossos objetos sociais. Nas linhas que seguem, a lógica do caminho de pesquisa é descrita acompanhada pela melodia de uma canção que estetiza as incertezas alegres que emergem da percepção de que o objeto sociológico é também por não ser e, exatamente por esse motivo, constitui-se através de nós.

Palavras-Chave: Pesquisa sociológica. Pandemia. Dialética. Sujeito. Objeto de pesquisa.

What are the ingredients of sociological research? The researcher who is the research, the research who is the researcher

Abstract: In this essay, based on the moving idea that social relationships can be something they are not and their being is defined based on this relationship, we present the inconvenient aspects of sociological research and the work of the researcher in their parallel universe, not only in pandemic times. Social work that does not aim at fantasy but aims to produce knowledge about our social objects. In the lines that follow, the logic of the research path is described accompanied by the melody of a song that aestheticizes the joyful uncertainties that emerge from the perception that the sociological object is also because it is not and, exactly for this reason, constitutes itself through us.

Keywords: Sociological research. Pandemic. Dialectic. Subject. Research object.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. Pesquisador do grupo de pesquisas Laboratório de Estudos sobre Trabalho, Profissões e Mobilidades (Lest-m), da UFSCar, São Carlos, Brasil. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6964-5411>. E-mail: joapelegrini@estudante.ufscar.br.



Marmelada de banana, bananada de goiaba
Goiabada de marmelo
(GIL, 1977)

A canção, na aparência, desloca as “leis” da química e da física, presente nas composições culinárias, para uma objetividade fantasiosa. No fazer sociológico, vencer o caos aparente é parte do trabalho de investigação.

Em uma primeira olhada para a *marmelada*, em sua existência disforme, notamos que se trata de uma coisa que não é e, portanto, impossível de ser pensada. A *marmelada* não é o que parece, não é também o que deveria ser e jamais poderia ser de *banana* ou *goiaba*. Assim, ela nada poderia ser.

Outras vozes, como em uma sinfonia de feira livre aos sábados de dias não pandêmicos, divagam entre o estado de euforia e/ou o de desespero e abandonam a tarefa de analisar o que se passa nessa terra onde as relações produzem não apenas marmeladas que são por não serem, mas também bonecas, sabugos de milho... tudo é possível de ser já que nada é “no país da fantasia” (GIL, 1977). Uma outra voz mais apressada, filha de uma consciência que busca a tranquilidade nas fórmulas mais óbvias, antecipa uma resposta para o imbróglcio sócio culinário: “ele é maluco!”. Inesperadamente, quando tudo parecia solucionado, uma voz curiosa se levanta entre a dos habitantes da cidade *polichinelo*, ela nos alerta que as coisas podem não ser exatamente como parecem; tudo isso enquanto a flauta não para de solar nos lembrando que a alegria, mesmo muda, ainda canta por aí.

Inesperadamente, como se já não tivéssemos o bastante, a pandemia entrou em cena e nos colocou em estado de *sítio*. Ela, pelas bocas em que é cantada, é definida de forma ambígua, algo entre a possibilidade de redenção ou de destruição de nossa geração. Há, ainda, os que afirmam sua inexistência, como a *marmelada de banana*, estes propriamente chamados de negacionistas. Dentre essas vozes, ouve-se a flauta transversal que continua a solar, agora quase sem fôlego, enquanto o artesão e a artesã sociológica, aqueles que são reconhecidos por “viverem (?) de sua arte”, olham para tudo e percebem – alguns emudecidos pelo terror – que nossas hipóteses podem ter se diluído no nada: será mesmo?

Tomo aqui a liberdade de falar de uma certa perspectiva do que é o fazer sociológico. Há quem pense e faça diferente: a esses, fica aqui a reflexão sobre a importância e a urgência de nossas pesquisas, estamos todos, mesmo que em pontos de partida diferentes, instados por nosso objeto e por nossa vontade de conhecer, dar respostas e forma ao que estamos presenciando.

No país da fantasia, entre bonecas de pano que parecem gente e de gentes que são rebaixadas à condição de sabugo de milho, esfolados até o último caldo, lembramos, as vezes dolorosamente, porque pesquisamos. E descobrimos, ao mesmo tempo, como algo que não se mostra nu, que: a energia de nosso objeto, a sociedade, é movediça e não estática. Concluimos, portanto, que é parte de nosso trabalho analisar *marmeladas que são/poderiam ser de*



banana.

O trágico, como suposto, não se abstém de estar presente e fazer o seu trabalho de preencher o vazio com dor e ironia. O trabalho sociológico se mostra necessário exatamente em tempos que sua importância e utilidade vinham sendo (e ainda são) questionadas. Quando parecíamos abandonados ao acaso, sem destino e nem rumo para nossas reflexões, nosso objeto nos apanha e nos sacode nos inquerindo por respostas. É necessário saber o que é a sociedade, não apenas viver nela.

Descobrimos então, entre o escândalo e o terror dos dias que tem se imposto a todos nós em gradações desiguais, já que vivemos em uma sociedade desigual, que somos objeto das perguntas que nosso objeto nos faz e que o fazer sociológico – introduzindo aqui uma perspectiva próxima aquelas de Weber (2003) e Marx (2011), ou uma leitura dos clássicos – é uma redução em categorias e conceitos do espetáculo da multiplicidade do que é o social. Estamos paralisados pela enorme tarefa que é dar forma ao *desconhecido disforme*: estamos vivos, a Sociologia vive!

O caráter movediço da sociedade e nossa angústia diante das perguntas que formulamos, mas não temos respostas, podem encontrar referência e critério para “realidade” em pensadores e pensadoras que nos sucederam. Na lida de outras sociólogas e sociólogos que já se viram – sem pai nem mãe – apanhados em flagrante fazer sociológico, encontramos referências para dar forma analítica ao social. Nosso caminho cruza e se entrecruza em nossas múltiplas referências.

Mas, além das características múltiplas de nossos objetos sociais, fomos também arrastados pela crise: o fazer sociológico se vê sitiado pela crise, pela angustiante ausência de previsibilidade e de certezas. Mas essa angústia, que toma a ciência da sociedade e está em nós porque temos o desejo de dar contorno a essas indeterminações, é apenas pandêmica ou seria parte de nosso trabalho de pesquisa?

Para começarmos nossa pesquisa, em qualquer conjuntura, por querermos conhecer o que não sabemos, lançamos nossas perguntas, nossas hipóteses, formulamos nossos problemas, estruturamos nosso caminho metodológico e analítico e neste momento, lançamo-nos ao desconhecido. De alguma maneira, poderíamos supor que nossos recursos de construção de nosso objeto podem imobilizar o que é dinâmico, uma fantasia, possivelmente. Um conforto necessário que dura o tempo de cozimento da banana até que ela se torne doce e avermelhada, como uma goiabada que nos alerta do perigo! Uma agridoce lembrança de que as forças sociais que, muitas vezes, são objeto de nossa pesquisa, têm poder social para barrar o prosseguimento de nosso trabalho, dificultá-lo e esterilizado até o ponto em que ele seja socialmente aceito ou não exista mais: nosso fazer, pandêmico ou não, encontra resistência das forças sociais que querem que a fantasia seja a linguagem dominante dessa sociedade. *A cidade polichinelo* não quer as suas dinâmicas postas a nu.



De repente, somos surpreendidos: a pandemia nos trouxe essa catarse que já vinha se produzindo. Responsabilizamos a crise, renegamos o imponderável, dizemos que algo foge da normalidade, que o que parecia não é mais. Na verdade, o que é escancarado, e que era encoberto nos tempos de *euforia*, é que estamos, como sociólogos e sociólogas, diante do que não é, esse é o ser dos nossos objetos e das resistências que eles nos impõem. É nosso corpo que dá vida aos nossos objetos, vida analítica, que se diga.

Essa dialética entre o sujeito pesquisador e “objeto-sujeito”, como uma *boneca de pano que é gente*, é que sentimos como angústia e muitas vezes nos choca. A paz que buscamos na pesquisa, em tempos de pandemia ou não, é uma ilusão, uma espécie de ingenuidade otimista, necessária, talvez, para amortecer as incertezas que nossa vontade de conhecer nos traz. Podemos nos refugiar nesse sentimento, ele torna, em muitos momentos críticos como o atual, as nossas pesquisas exequíveis. No entanto, não podemos supor que analisar a sociedade é lidar com um dado imóvel, pacífico e tranquilo, que nos permitiria inferir sentenças, descrever “leis gerais”, nosso objeto nos leva ao uso do verbo analisar no gerúndio.

Há trabalho e o nosso trabalho está sempre por ser feito. Nosso objeto nos dá trabalho, não podemos nos submeter a ele, pois deixaríamos de nos mover livremente a partir dele, é uma dialética onde somos levados enquanto conduzimos: estamos e não estamos, somos e não somos enquanto construímos nossas pesquisas. A pandemia, a crise que assola o *sítio do pica pau amarelo* em todas as suas dimensões sociais, não é e é expressão de nosso objeto nos lembrando que, para o sociólogo e a socióloga, a bananada pode ser de goiaba e pode não ser. Sempre a incerta análise de seu conteúdo social é que nos dirá o que é a bananada, não nossos pressupostos ou suposições sobre o que ela é ou deveria ser.

Entretanto essas são disposições que nos tomam a partir das dinâmicas sociais. Há, ainda, o próprio trabalho da pesquisa em si. Na relação com nossos objetos, os acessamos através de nossas pesquisas de campo, agora acomodadas as ferramentas digitais. Fato que nos provoca a refletir sobre métodos de pesquisa em condições particulares como essa, além de questões éticas que envolvem o trabalho de investigação sob tais circunstâncias. O fazer sociológico é, como na metáfora hegeliana (HEGEL, 2014), um caminho que o pesquisador traça, com menos metafísica e maior objetividade, onde as figuras que representam a síntese de nossa investigação vão se sucedendo até que tenhamos a totalidade. Paramos quando atingimos o termo onde decidimos saltar, parada referendada por nossos pares. Chegamos sempre ao suficiente possível, nunca ao definitivo. Nosso objeto é inesgotável por ser móvel, nós nos movemos até esgotarmos nossos recursos analíticos. Nesse caminho, podemos usar recursos de diferentes linguagens, tanto para a fruição analítica de nossos objetos quanto na exposição dos resultados de nossa escrita: o fazer sociológico, embora ciência, não está distante das artes.



Esses são alguns de nossos (in)cômodos e alegrias que se apresentam no processo de formação de nossos trabalhos de pesquisa. Entre as paredes que nos isolamos para produzirmos nossas análises através da escrita, desde sempre, em nosso *universo paralelo*, ouvimos a flauta transversal deixando a alegria e tornando-se cada vez mais um som metálico, uma única nota que se repete, fazendo nossas energias corpóreas e mentais se transubstanciarem em análise sociológica. Nascem nossos textos. Eis aí o nosso deslocamento das “leis” da química e da física, presentes na composição singular de cada um de nós, para a objetividade analítica sociológica. Nossas pesquisas ganham através de nós um corpo que passa a ser dela, uma espécie de goiabada que tem seu ser na marmelada, mas como goiabada já caminha por ela mesma cantada nas sentenças de uma bananada de vozes.

As dinâmicas sociais do Brasil, que parecem caóticas e sem lógica, configuram uma metáfora perfeita da lógica da pesquisa sociológica. Afinal, é por essa sociedade e nela que se dão nossas pesquisas.

Referências bibliográficas

GIL, Gilberto. **Sítio do Pica Pau amarelo**. Rio de Janeiro: Warner Music, 1977. Disponível em: <https://gilbertogil.com.br/conteudo/musicas/?busca=s%C3%ADtio+do+pica+pau+amarelo>. Acesso em 09 de jun. 2020.

HEGEL, Georg W.F. Introdução. In: **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 69-79.

MARX, Karl. O método da economia política. In: **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 55-61.

WEBER, Max. A Objetividade do Conhecimento nas Ciências e Política Sociais. In: **Ensaio sobre a teoria das ciências sociais**. São Paulo: Centauro, 2003. p.1-74.

Como citar este artigo:

PELEGRINI, João Gabriel Selles. Quais são os ingredientes da Pesquisa Sociológica? O pesquisador que é a pesquisa, a pesquisa que é o pesquisado. **Áskesis**. São Carlos, SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 103-107, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.516>

Data de submissão do artigo: 19/06/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020